

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



OMOCHO e OS BOIS

Por JOSE A VALE



O tempo em que os animais falavam, dizem que o Mocho — ave benéfica para a Agricultura — foi encarregado de tratar duma junta de bois.

Certo dia em que eles andavam a pastar, muito serenamente, num bom lameiro, fugiu-lhe um dos bois, picado por um grande moscardo.

Como não soubesse o rumo que o animal tomara, e como temia dar contas ao patrão — «que se chamava Domingos» — não quis aparecer em casa sem procurar o fugido animal, com todo o cuidado.

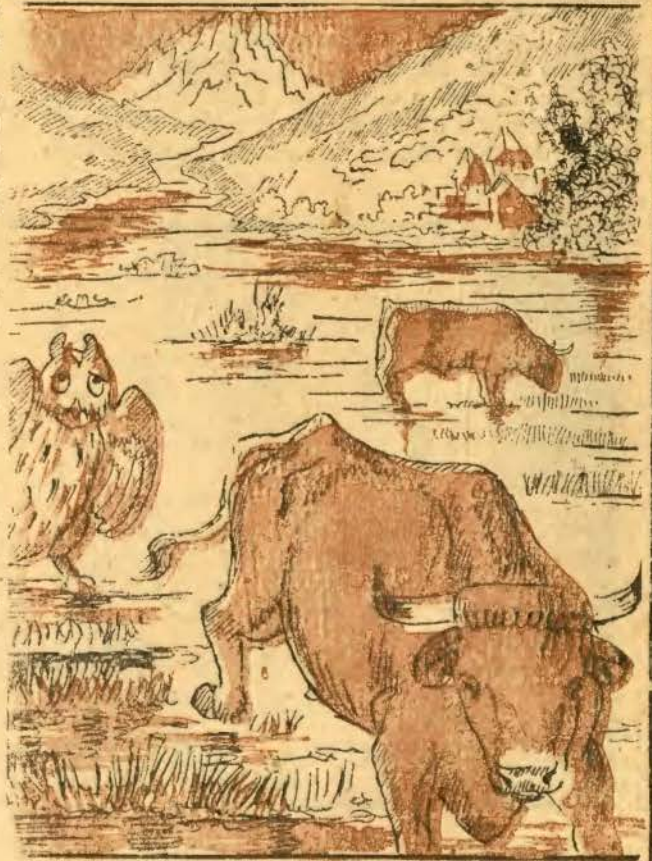
Entregou, portanto, o boi que tinha ficado no pasto a um seu conhecido, e ele partiu, percorrendo montes e vales, lugares isolados e sombrios, de dia e de noite, clamando sempre: — «boi... boi... boi...»

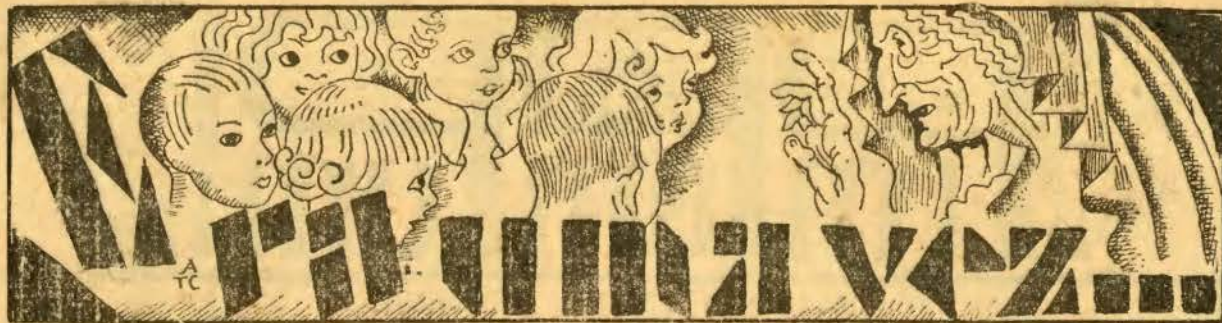
E, como não houve meio de o encontrar, considerou-se despedido da casa do patrão, não deixando, todavia, de continuar a procurar o boi.

Orá é por isso que nós, ainda hoje, vemos o Mocho sempre envergonhado e o ouvimos, muito melancolicamente, a falar do seu amo, e do perdido animal, dizendo: — «Domingos!.. Domingos!.. boi... boi... boi...»

O sentimento da vergonha é um dos baluartes da Honra.

«Quem a vergonha perde, nada mais tem que perder».





"MISS" BIGODES

POR JOÃO C. FERRERI DE GUSMÃO

DESENHOS DE ADOLFO CASTANÊ



8 olhitos de Mariazinha estavam vermelhos, tinha chorado naquele dia.

Ela sempre tão alegre, com aquela vivacidade infantil, tinha chorado!

Que lhe teria sucedido? Ralhar-lhe-iam por alguma maldade? Não! Mariazinha chorara por ter bom coração.

Ela tinha uma gatinha, a «miss Bigodes» que era tódo o seu mundo, era o terceiro amôr da sua vida; primeiro o da família, segundo o do estudo e o terceiro o da gatinha. Por ela deixaria de comer, deixaria mesmo de dormir, acima de tudo «miss Bigodes».



P. S exatamante naquele dia, a «miss» não tinha ainda comido! Tinham-se esquecido de lhe dar de comer! Mariazinha viu a falta de cuidado,

e, numa corrida em que mostrava tóda a graça infantil, foi ter com a mamã a quem contou, chorando, tódo o mal, tóda a falta de cuidado que havia com a sua «miss», — «nem leite, mamã. nem leite lhe deram ainda,» — soluçava a Mariazinha.



Tratou-se então da gatinha, e Mariazinha, riu, com um riso franco e alegre, mostrando a fieira de dentes muitos brancos.

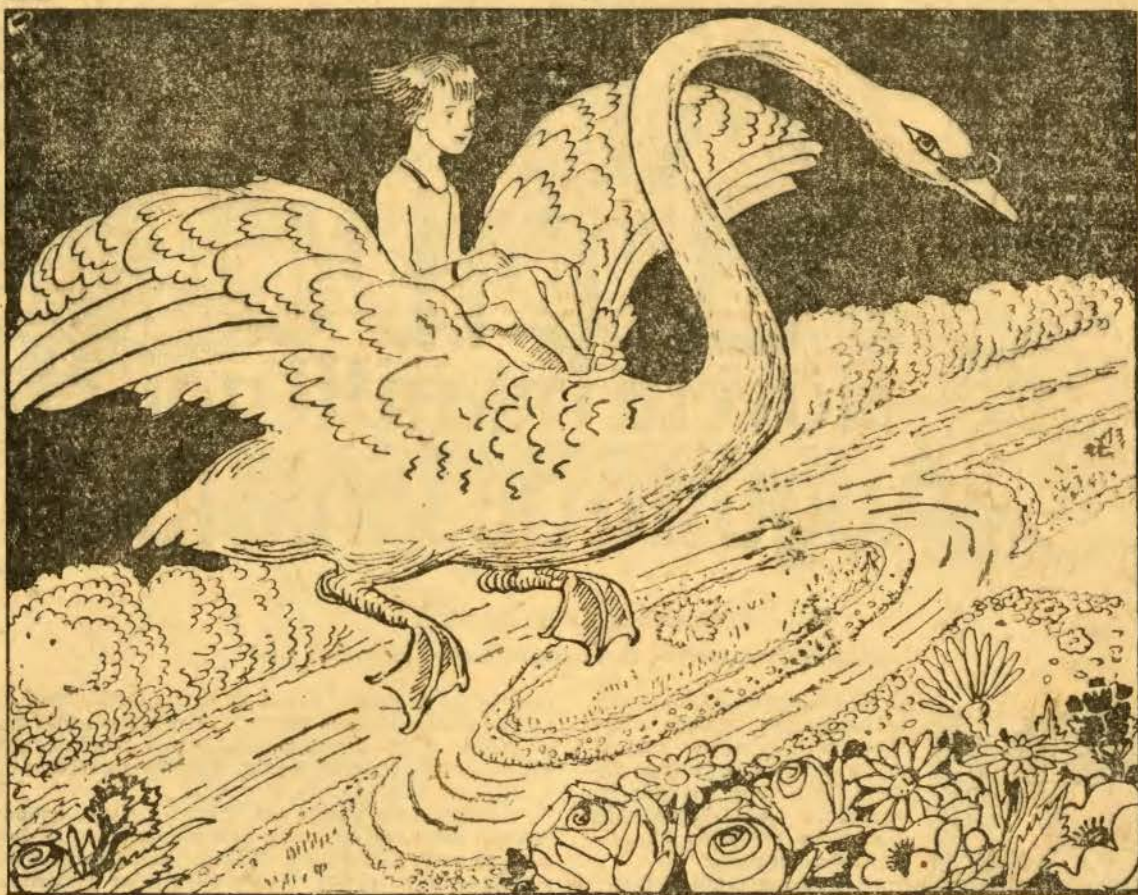
Mariazinha estava satisfeita. Olhava a gatinha com um averternecedor

No seu quartozinho forrado de vermelho Mariazinha dorme e a «miss Bigodes» aos pés, há muito que ensaiou o seu rom-rom.

Nuvens côr de rosa passam pelo cerebro de Mariazinha que sonha:

Fala «miss Bigodes»: Sou um enviado da rainha das flôres que me mandou aqui depôr a vossos pés o seu trono, e bem estar, caso vós tivesses um coração com tanta bondade como de aroma tem minha senhora e rainha.

Mariazinha viu a gatinha transformar-se num



lindo cisne branco que a arrebatou num vôo rápido através das nuvens.

Voou durante muito tempo o cisne, e Mariazinha sentiu, de repente, um deslumbramento. Tudo em volta dela era vida, e côr. Desde a papoila humilde à camélia real tudo ali se encontrava, reunido numa disposição que só mão de fada poderia realizar.

O cisne, o lindo cisne, transformou-se num cravo que logo murchou. Mariazinha deu uns passos e notou com estranheza que tôdas as flôres murchavam à sua passagem. Elas só lhe rendiam preto. Não podiam, ao vêr Mariazinha, continuar viçosas. Ela era superior às próprias flôres.

Mariazinha não se sentiu orgulhosa; continuou a caminhar, até que chegou ao pé duma rosa imensamente grande, de onde se evolava um perfume delicioso e embriagador.

A rosa assim lhe falou:

Sou a rainha, como deveis saber, de tôdas as flôres!

Como o leão na selva, eu num jardim. Um dia trouxeram-me a nova de existir uma preciosidade, um ente superior a mim em beleza e bondade. Mandei o cravo mais lindo do meu reino descobrir o paradeiro de tão bela flôr, que ninguém lograra ainda colher. Por isso eu vos deponho aos pés meu trôno, para ser um simples ornamento à vossa natural beleza e bondade. E a grande rosa, que reinara séculos, fechou as suas pétalas, tornando-se uma sombra, um espectro da que fôra rainha das flôres. Dobrou a sua haste altiva, até tocar nos pés de Mariazinha, que, pela primeira

vez, sentiu uma pontinha de orgulho e vaidade. Sorriu com aquele luminoso sorriso que já tive a dita de lhe vêr.

Continuou seu passeio pelo reino das flôres, onde ela era, agora, a rainha. E Mariazinha viu uma flôr encantadora, de delicioso perfume, que apanhou para ornamentar seus formosos cabelos.

Mas a flôr, ao sentir-se entre os dedos de Mariazinha, e vendo a sua inferioridade, logo mirrou, e, uma a uma, suas pétalas se despenderam, indo atapetar o caminho que Mariazinha havia de pisar. E, então, Mariazinha pensou:

Que prazeres poderia haver se tudo murchava se tudo desaparecia, só para lhe render homenagem.

Mariazinha sentiu pena da sua família, teve medo, só, tão longe, muito distante dela e chorou de desespero, num choro aflitivo e convulso.

Mas, que tens, Mariazinha, estás tôda a tremer?! Anda, levanta-te, que são horas.

Mariazinha abriu, então, os seus olhitos muito vivos e viu o seu quartozinho, a caixazinha de costura com figuras, século XVIII, e a sua «miss Bigodes» enroscadinha, fazendo o seu rom-rom. Mariazinha sorriu, e sentou-se na caminha branca, como a sua alma, onde lhe foi servido o primeiro almoço.

fim

O MENINO PERDIDO

Novela infantil por Augusto de Santa-Rita



Desenhos de Castañé

(Continuado do numero anterior)

FOS a confissão de Toninho, por s'era assim que Bernarda o tratava ainda, confissão que, simultaneamente, constituia um desabafo e uma confidência. Bernarda, com lágrimas nos olhos e um sorriso na boca, limitou-se a exclaimar:

— «Para que ergueste tão alto as tuas vistas, Toninho?! Como admitiste a hipótese dum tal casamento? Pois não vias que a neta da senhora Condessa só com neto de condes ou generas?!...»



te de posição, poderá vir a casar?! Esqueceste quem

— «Sim, um exposto, um engeitado!... E' certo! Tens razão, mãe Bernarda!» (E Toninho irrompeu num choro convulsivo) — «Quem será minha Mãe?! Que mulher sem estranhas, que mãe desnaturada...»

— «Imediatamente, Bernarda o interrompeu, entre reprecava a carinhosa, procurando analisar a íntima revolta:

— «Filho...» — exclamou Mãe?!...»

— «Mãe?!...» — exclamou Toninho, acrescentando dolorosamente: — «Filho, Mãe... Ah que palavras tão belas!»

Então, piedosamente, Bernarda prosseguiu:

— «Sustenta, filho, sossegado! Não acuses, assim, levemente a pobre mulher que te pôs neste mundo. Deus sabe porque ela te abandonou! Só Ele a pôde julgar. Quem sabe a dor, o sofrimento horrível que a obrigou a fazer isto, a separar-se de ti! Há situações na vida!...»

— «Ah não, não! Nada poderá justificar tal acto!» protestava, cruel e injustamente, António.

Enquanto Bernarda e Toninho tão dramaticamente dia-

lozaram na pequenina saleta da modestíssima casa do feitor Miguel, Josefina, no opulento solar de sua avó, Condessa de Olivete, e, só, em seu quarto luxuoso, amplo e confortável, soluçava angustiadamente, abafando os soluços no travesseiro arreendado.

O silêncio do quarto era apenas cortado, quando em quanto, pelos seus soluços e pelo «tic-tac» perene dum pequeno e artístico relógio, colocado em cima dum contador de páu santo, entre duas janelas envoldidas por amplo cortinado, quando, súbitamente, se entreabriu a porta e sua avó assomou, intrigada, ficando-se a olhar a neta numa expressão de interrogativo espanto.

Nunca lhe passára pela cabeça que sua neta, sempre tão animada e que sempre supuzera feliz, fosse capaz de lhe ocultar a mínima contrariedade, quanto mais um desgosto, uma mágoa, um grande sofrimento como o que aparentava,

tão sentidamente, agora, e que ela surpreendera, assim, de chofre e por acaso.

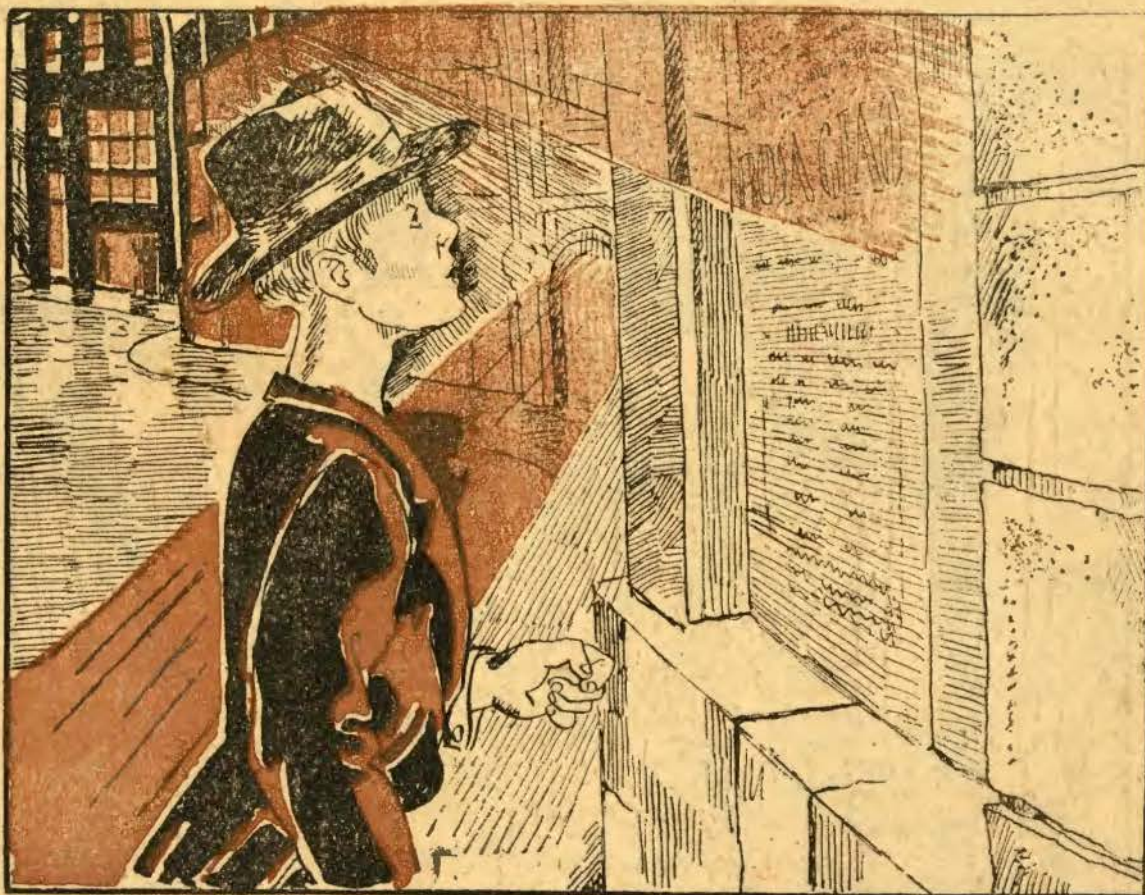
— «Porque choras, Fininha?! Quem te fez mal? Porque te escondes para soluçar desse modo, sem confiança alguma no meu amor por ti?!...»

Pousando, então, a cabeça, de lindos cabelos loiros, destrançados, no regaço da avó, da avó que, tão carinhosamente, se lhe dirigia, Fininha, num vislumbre de esperança, confiada já na sua indulgência, decidiu revelar-lhe todo o seu segredo.

Qual não foram, porém, o seu espanto e surpresa ao notar a rápida transformação que se dera na expressão da avó. De carinhosa e terna passou a ríspida e grave e, categoricamente, concluiu:

— «Não, minha neta, tu não podes, de forma alguma, continuar a alimentar esse sonho que não passa, por certo, dum simples devaneio, um devaneio romântico, impróprio e indigno do teu espirito reflectido e sensato. António é um exposto, uma pobre criatura cuja ascendência ignoramos e que tanto pode ser filho de gente, embora pobre, honesta, como de malfieiros, de bandidos; quem sabe?!»





— «Hipóteses que ultrajam e que eu não posso admitir, avô; respondeu Fina, numa atitude insubmissa e de inconcinda revolta. Conheço os seus sentimentos e é porque bem os conheço, que o admiro e o amo».

— «Embora! Terminantemente me oponho a um casamento tão manifestamente desigual!» E dando uma brusca reviravolta, em direcção da porta que, abrindo, logo transpôs, os seus passos foram se, a pouco e pouco, sumindo, ao mesmo tempo que Josefina prosseguia chorando convulsivamente e abafando os soluços no travesseiro arrendado.

Decorreram dois anos. E em Paris, na estação «Quai d'Orsay», um grupo de pessoas de alta categoria, aguardavam na gare, por linda manhã de Primavera, a chegada do «Sud-express» que conduzia, numa carruagem de primeira classe, a grande cantora portuguesa Rosa Gião, contractada para quinze récitas pela direcção da Opera Cómica, um dos mais importantes teatros de Paris.

Era constituído o grupo de pessoas que aguardavam Rosa Gião, pelo director da Opera Cómica, Monsieur Perier, sua esposa a grande cantora Rose Marie Perier, pelas actrizes Louise Martin e Gaby Dubois, um secretário do teatro, Doutor Jorge de Olivete, irmão de Josefina que se encontrava em Paris em gozo de férias há dois meses, dois jornalistas e alguns fotógrafos repórteres.

Assim que Rosa Gião pôs os pés na gare, entregando a

bagagem de mão a um corretor do mais importante hotel, feitas as respectivas apresentações e trocados os mais efusivos cumprimentos, dirigiram-se para o local da saída, onde entraram para dois magníficos automóveis, a fim de Rosa Gião poder admirar, devidamente, as inúmeras belezas de Paris.



No primeiro carro seguiam Rosa Gião, Jorge de Olivete, Madame e Monsieur Perier, No segundo Louise Martin, Gaby Dubois e os dois jornalistas que, de quando em quando, trocavam impressões com Rosa Gião, falando de carro para carro.

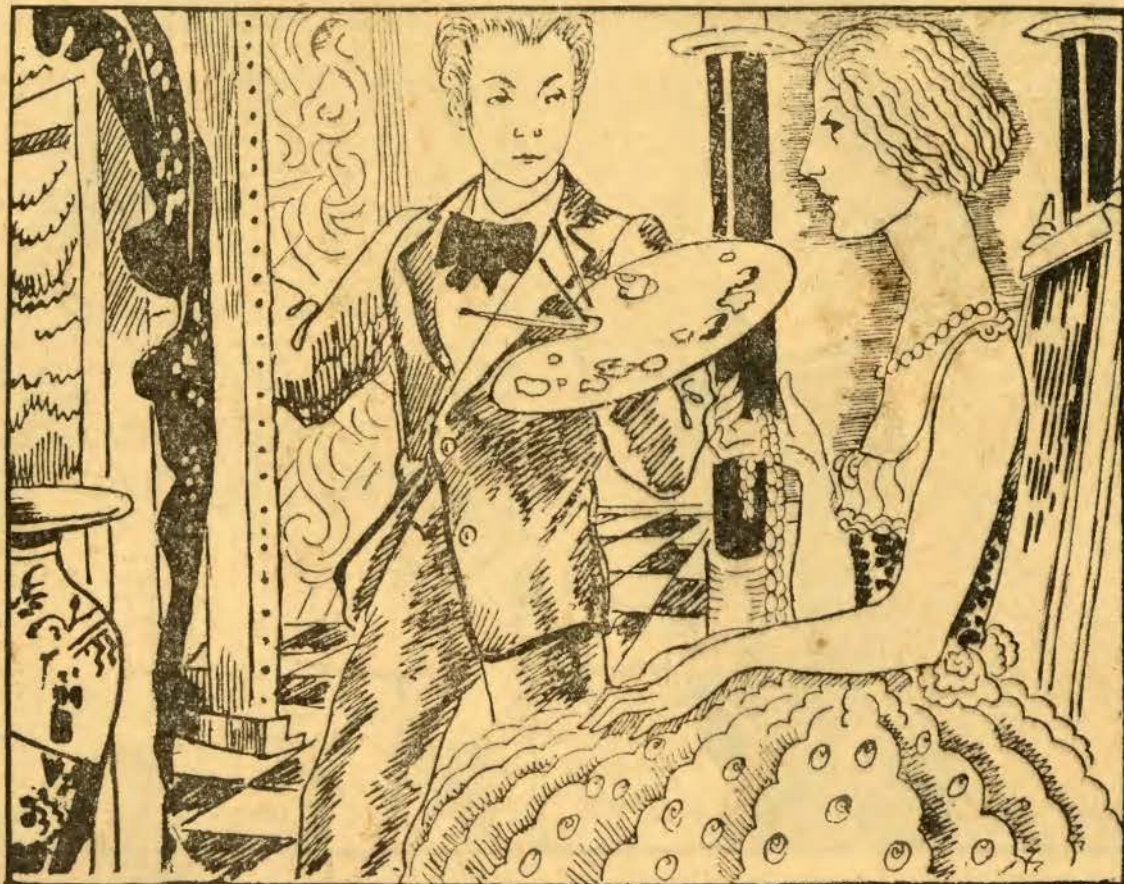
Jorge de Olivete ia encantado com a distinção e graça naturais de Rosa que embora mais, velha do que ele quinze anos e apesar dos desgostos sofridos, não parecia fazer uma tão grande diferença. Tinha agora trinta e seis anos e ele vinte e um.

Servindo, por vezes, de intérprete, em virtude Rosa Gião falar o francês deficientemente, ia mostrando-lhe os principais monumentos da grande capital.

Atravessavam, agora, os Campos Eliseos, e Jorge continuava indicando:—Place de L'Etoile, o Arco do Triunfo!... Le Grand Palais... a Praça da Concór-

dia... a Torre Eiffel... a Opera!... E ao passarem pelo monumental edifício, um rapaz simpático e distinto, que estava lendo o cartaz onde, em grandes letras se anunciava a estreia de Rosa Gião, para aquela mesma noite, cumprimentou afavelmente Jorge que correspondeu, tirando o chapéu e acenando afectuosos adeus.

Rosa Gião quiz saber quem era e Jorge elucidou a: — um meu amigo de infância, afilhado de minha Avó, a Con-



dessa de Olivete, um grande pintor português, pensionista do Estado em Paris.

— «Gostava de conhecer esse compatriota!» voltou Rosa Gião que, imediatamente, recebeu de Jorge a promessa de que o levaria, à noite, ao seu camarim».

Terminado o passeio, apenas de hora e meia, em virtude de Rosa necessitar do tempo preciso para se instalar devidamente no hotel e jantar mais cedo, a fim de seguir para a Ópera, onde deveria chegar às oito horas em ponto, uma hora antes de iniciar-se o espectáculo, Rosa Gião despediu-se dos seus companheiros e murmurou um «até logo» tão afectuoso que Jorge, impressionado, levou todo o resto da tarde a pensar nela.

Imediatamente, Jorge de Olivete foi procurar o seu amigo de infância, chegando ao «appartement» que António habitava, precisamente no mesmo instante em que este regressava do seu giro habitual. E escusado será dizer qual foi o exclusivo assunto da conversa: — a estreia, em Paris, de Rosa Gião e o seu «charme» adorável, o encanto e a graça que a caracterisavam.

E à noite, no camarim de Rosa, António de Olivete era-lhe apresentado por Jorge, ficando os três, vivamente inte-

ressados, a conversar durante os intervalos da apresentação que constituiu, nessa «première», um colossal successo.

Como António de Olivete declarasse a Rosa a empenho que fazia de a retratar numa tela, logo combinaram um novo encontro para o dia imediato, às duas horas da tarde, no «atelier» do artista.

E no dia seguinte, à porta da habitação onde António de Olivete tinha o seu «appartement» e atelier, Rosa Gião aviou-se da sua luxuosa «limousine» e entrou, confiadamente, na intimidade do simpático, jovem e talentoso artista.

Após as primeiras palavras de cortezia, António de Olivete, convidando Rosa a sentar-se na melhor cadeira que ornamentava o seu luxuoso «atelier», procurou a posição que melhor realçasse o seu formoso modelo, a melhor disposição de luz, e principiou a pintar.

Contudo, o desejo de que a retratada ficasse sorridente e em face da profunda tristeza que o seu rosto revelava, António dispôs-se a indagar, delicadamente, o desgosto íntimo que a sua expressão amargurada exprimia, o oculto drama interior que, certamente, existiria em sua alma.

C o n t i n u a n o p r ó x i m o n ú m e r o

CORRESPONDENCIA

Maria Branco. — O senhor Santa-Rita agradece, reconhecido, o novo conto «Diabruras»... que será já publicado no próximo número. Relativamente ao anterior, que considera muito interessante mas impróprio para o «P. P. P.», escreverá directamente a V. Ex.^a por estes dias.

Joaquim Augusto dos Santos. — Já em poder de V.

Ex.^a deve estar uma carta, testemunhando a muita gratidão do senhor Santa-Rita pela gentil oferta que teve a amabilidade de lhe enviar.

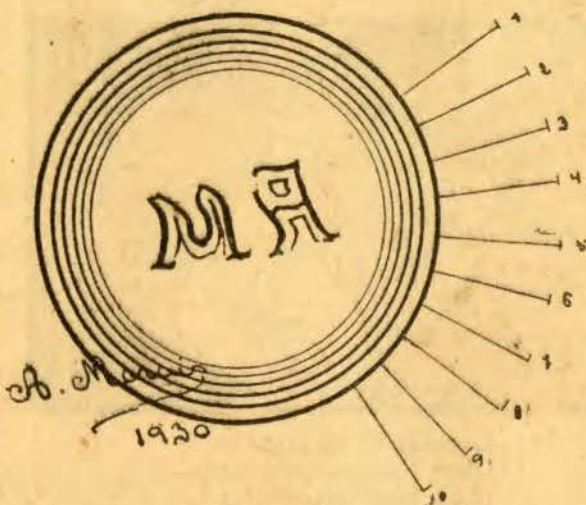
Relativamente aos contos, ontem recebidos, encarregamo-nos de lhe participar que sairão na devida oportunidade.

Carfófier. — Sairá muito brevemente a poesia que enviou intitulada «Era uma vez»...

Ceieste H. P. Amaro. — A tua «Comédia em um acto» não está em condições de ser publicada. Mas não desani, mes. Talvez, mais tarde, consigas vêr qualquer trabalho teu, publicado no «Pim-Pam-Pum». Experimenta outro género. Talvez para o desenho tenhas mais habilidade.

TIO PAULO.

HORA DE RECREIO



ADIVINHA

Juntar á silaba «MA» uma silaba ou letra, de maneira a formar palavras com a seguinte significação: 1, uma imensidade de água salgada; 2, lance no jogo de xadrez; 3, cama de lona; 4, mês do ano; 5, adverbio de quantidade; 6, saco de lona fechado e cadiado; 7, o mesmo que mãe; 8, uma fruta; 9, movimento das aguas do mar; 10, que é desagradavel.



Este menino perdeu os sapatos.
Vejam se descubrem onde eles estão?

PARA OS MENINOS COLORIREM

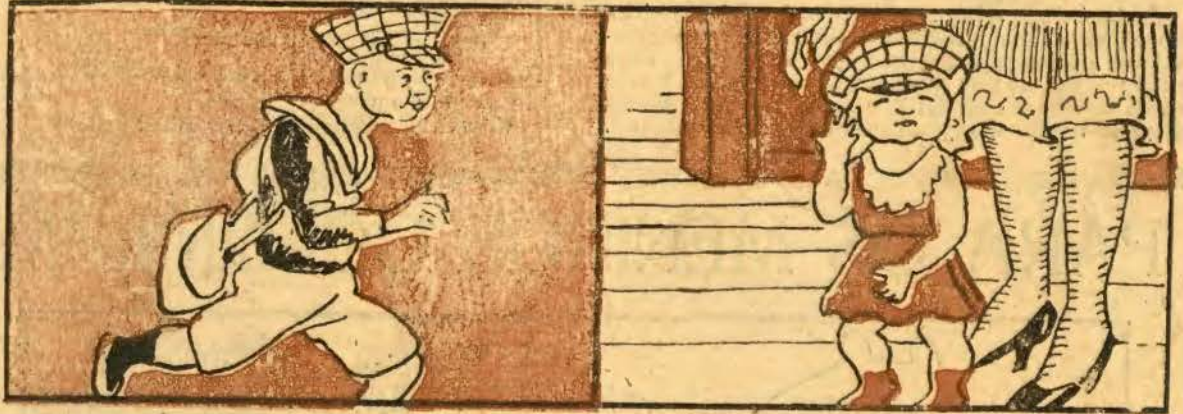


PANO... PARA MANGAS... OU BONÉS



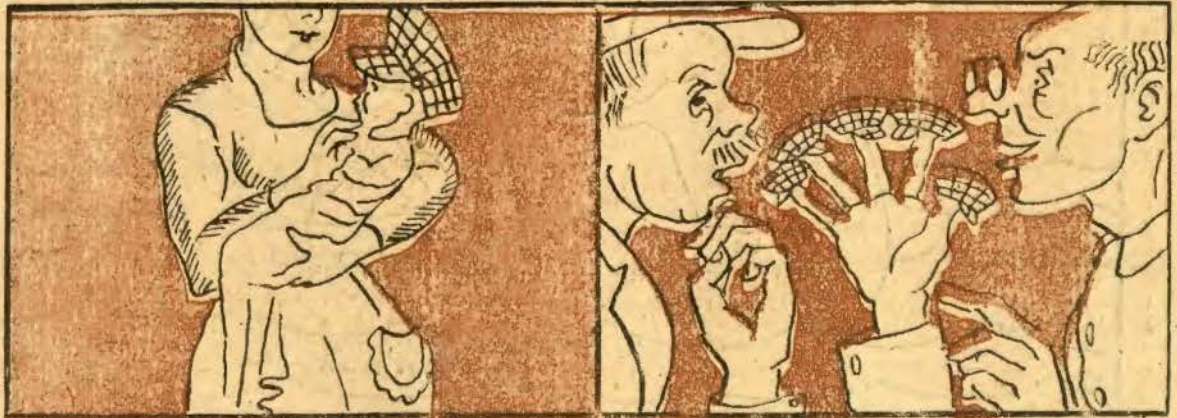
Quim Forreta vai á loja do alfaiate Barnabé, com dois metros de fazenda, encomendar um boné.

Como sobrasse fazenda, Quim Forreta, presumido, outro boné encomenda para o filho mais crescido.



Nisto volta á loja o Quim e inquire se inda sobejou. Ouvindo dizer que sim, logo um outro encomendou.

Após uns dias, Forreta volta de novo a insistir: —tenho lá outras cabeças que eu gostava de cobrir.



—«Pois não! (volve Barnabé) faço tudo quanto peças; que a fazenda sobra até para mais cinco cabeças».

No dia seguinte, ao Quim, Barnabé, sem arremedos, mostra mais cinco bonés para as cabeças dos dedos!